

AS VIVÊNCIAS DO MATERNAR, LECIONAR E PESQUISAR EM UM CENÁRIO PANDÊMICO

THE EXPERIENCES OF MOTHERHOOD, TEACHING, AND RESEARCH IN A PANDEMIC SCENARIO

LAS EXPERIENCIAS DE MATERNACIÓN, DOCENCIA E INVESTIGACIÓN EN UN ESCENARIO DE PANDEMIA

Taissa Vieira Lozano Burci

Doutora em Educação - UEM

Universidade Estadual do Paraná – Unespar, Campus Apucarana
Maringá, Paraná, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3064-8660>

E-mail: taissalozano@gmail.com

Dayane Horwat Imbriani de Oliveira

Doutoranda em Educação - UEM

Faculdade Alfa de Umuarama - UniAlfa
Umuarama, Paraná, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4804-3697>

E-mail: oliveira.dayanehorwat@gmail.com

Camila Tecla Morteau Mendonça

Doutora em Educação - UEM

Universidade Cesumar - Unicesumar
Maringá, Paraná, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8892-2269>

E-mail: teclacamila@hotmail.com

Silvia Eliane de Oliveira Basso

Doutora em Educação - UEM

Instituto Federal do Paraná, Campus Umuarama
Umuarama, Paraná, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2015-2437>

E-mail: silviabasso_2005@hotmail.com

Patrícia Lakchmi Leite Mertzig

Doutora em Educação - UEM

Universidade Estadual de Londrina - UEL
Londrina, Paraná, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1793-004X>

E-mail: patriciamertzig@gmail.com

Renata Oliveira dos Santos

Doutora em Educação - UEM

Centro Universitário Cidade Verde (UNIFVC)
Maringá, Paraná, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8391-1568>

E-mail: prof_renata@unifcv.edu.br

RESUMO

O maternar, a ação docente e as tecnologias digitais da informação e comunicação (TDICs) são o objeto da presente pesquisa. Ademais, analisaram-se os relatos das autoras sobre suas experiências vividas durante a pandemia de Covid-19, bem como os desafios demandados pela situação imposta. Quanto à metodologia, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, documental e narrativa, de abordagem qualitativa. Como mulheres e mães, os enfrentamentos de ordem material, social e afetiva transformaram suas vidas cotidianas, incluindo o cuidado com seus filhos e filhas em um momento tão delicado. Como pesquisadoras, consideram as TDICs imprescindíveis para tal contexto — conscientes de que essas tecnologias não são acessíveis para a maioria das mulheres brasileiras. Nessa conjuntura, o percurso exposto apresenta alguns decretos do governo federal em relação aos encaminhamentos realizados no âmbito educacional. Após os relatos sobre as vivências do maternar, lecionar e pesquisar, o texto discute o papel da mulher e de mães brasileiras frente às situações de violência a que foram expostas durante o período de confinamento — além de suas tarefas domésticas, a educação dos filhos e o desemprego. Na sequência, as autoras destacam o papel das TDICs como elemento importante para refletir sobre suas funções como mães, professoras e pesquisadoras, durante o ensino remoto de emergência. Por fim, o texto indica que, para as autoras, o momento de confinamento desvelou novos saberes sobre suas práticas educativas e superações de ordem afetivas no cuidado com seus filhos e filhas, apesar dos inúmeros desafios.

Palavras-chave: maternar; ação docente; TDICs; Covid-19.

ABSTRACT

Motherhood, teaching practice, and digital information and communication technologies (DICTs) are the object of this research. In addition, the authors' reports on their experiences during the Covid-19 pandemic were analyzed, as well as the challenges required by the imposed situation. Regarding the methodology, this is a bibliographic, documentary, and narrative research, with a qualitative approach. As women and mothers, material, social and affective confrontations transformed their daily lives, including caring for their sons and daughters in such a delicate moment. As researchers, they consider DICTs essential for this context — aware that these technologies are not accessible to most Brazilian women. The route exposed here presents some decrees of the federal government in relation to referrals made in the educational sphere. After reporting on the experiences of maternity, teaching, and researching, the text discusses the role of Brazilian women and mothers in the face of situations of violence to which they were exposed during the period of confinement — as well as their domestic, education of their child and unemployment. Subsequently, the authors highlight the role of DICTs as an important element to reflect on their roles as mothers, teachers, and researchers during emergency remote teaching. Finally, the text considers that, for the authors, the moment of confinement revealed new knowledge about their educational practices and emotional overcoming in the care of their sons and daughters, despite the numerous challenges.

Keywords: motherhood; teaching practice; DICTs; Covid-19.

RESUMEN

La maternación, la acción docente y las tecnologías digitales de la información y la comunicación (TDIC) son objeto de esta investigación. Además, se analizaron relatos de las autoras sobre sus experiencias personales durante la pandemia de la Covid-19, así como los retos de la coyuntura impuesta. Sobre la metodología, se trata de una investigación bibliográfica, documental y narrativa, con acercamiento cualitativo. Como mujeres y madres, los enfrentamientos materiales, sociales y afectivos transformaron su vida cotidiana, inclusive el cuidado de hijos e hijas en un momento tan delicado. Como investigadoras, perciben las TDIC como esenciales para ese contexto — conscientes de que esas tecnologías no son accesibles para la mayoría de las mujeres brasileñas. En ese contexto, el recorrido aquí expuesto presenta decretos emitidos por el gobierno federal relativos a las decisiones tomadas en el ámbito educativo. Después de relatar las experiencias de maternidad, docencia e investigación, el texto discute el rol de las mujeres y madres brasileñas frente a las situaciones de

violencia a las que fueron expuestas durante el período de encierro — así como su trabajo doméstico, de crianza y desempleo. Posteriormente, las autoras destacan el papel de las TDIC como elemento importante para reflexionar sobre sus funciones como madres, docentes e investigadoras en la condición de emergencia de la enseñanza a distancia. Finalmente, el texto considera que, para las autoras, el momento del encierro reveló nuevos conocimientos sobre sus prácticas educativas y de superación emocional en el cuidado de sus hijos e hijas, a pesar de enfrentar muchos retos.

Palabras-clave: maternación; acción docente; TDIC; COVID-19.

INTRODUÇÃO

Este artigo surge no contexto de um grupo de mães, professoras, pesquisadoras e amigas que ao enfrentarem os desafios da pandemia, da ação docente e do maternar puderam contar umas com as outras para momentos de reflexões, angústias, escuta, desabafos, alegrias e parcerias; perceberam, principalmente, que não estavam sozinhas em todo esse processo de caminhada frente às novas demandas dos pais e/ou responsáveis, no processo educacional dos filhos e do mercado de trabalho.

As autoras integram o Grupo de Pesquisa sobre Educação a Distância e Tecnologias Educacionais (GPEaDTEC), da Universidade Estadual de Maringá (UEM) — grupo cadastrado no CNPq e que tem como líder a professora Dra. Maria Luísa Furlan Costa. Nesse contexto, os desafios que a pandemia trouxe frente às medidas de isolamento social e a nova organização da educação culminou em atividades científicas intensas ao grupo, visto que o uso das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDICs) no processo de ensino-aprendizagem é foco das pesquisas desenvolvidas pelos integrantes.

Destacamos que todas as famílias enfrentaram, e ainda enfrentam, diariamente desafios oriundos da pandemia. Todavia, neste artigo, o objetivo geral é apresentar as experiências das autoras na articulação entre o maternar e a atuação docente mediado pelas tecnologias da informação e da comunicação no período da pandemia, realizando um comparativo entre outras realidades de mães do Brasil.

Adotou-se como procedimento metodológico: a pesquisa bibliográfica e documental para a fundamentação teórica; a pesquisa narrativa para a apresentação das vivências das autoras; e a abordagem qualitativa para a apreciação da narrativa.

A pandemia do coronavírus (COVID-19) foi decretada no início de 2020, alterando a vida das pessoas ao redor do mundo, pois precisaram reorganizar todas as atividades que eram desenvolvidas presencialmente; no entanto, os primeiros casos da doença surgiram

no final de 2019. No Brasil, identificamos entre os meses de fevereiro e março os primeiros casos positivos.

Em nível mundial, os países lançaram medidas de combate e controle da transmissão do vírus. Nesse momento, pesquisas foram iniciadas para compreender a doença que, diariamente, culminava na morte de milhares de pessoas em todo o mundo — infelizmente, batendo novos recordes a cada semana e mês.

No Brasil, diante do aumento dos casos confirmados, o Governo Federal publicou a Lei nº 13.979, em 6 de fevereiro de 2020, dispondo sobre as medidas para o enfrentamento da emergência de saúde pública e com importância internacional. No campo da educação, o Paraná, estado de residência das autoras, suspendeu as aulas presenciais para todos os níveis educacionais por meio do Decreto Estadual nº 4.230, de 16 de março de 2020, atualizado pelo Decreto nº 4.320, de 23 março de 2020.

Diante da incerteza da volta às aulas presenciais, regulamentou-se a autorização para o atendimento educacional dos estudantes em todas as etapas, por meio do ensino remoto de emergência, do Parecer nº 5 do Conselho Nacional da Educação (CNE) e do Conselho Pleno (CP). Tal parecer dispõe sobre a “Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19” (BRASIL, 2020, n.p.).

Os fundamentos dessa regulamentação tratam da possibilidade de ofertar aulas remotamente pelo uso das tecnologias da informação e da comunicação, conforme podemos observar no excerto abaixo:

[...] a fim de garantir atendimento educacional essencial, propõe-se, excepcionalmente, a adoção de atividades pedagógicas não presenciais a serem desenvolvidas com os alunos enquanto persistirem as restrições sanitárias para presença completa dos envolvidos nos ambientes escolares. Estas atividades podem ser mediadas ou não por tecnologias digitais de informação e comunicação [...] (BRASIL, 2020, p. 8).

Essa regulamentação permitiu que as instituições educacionais garantissem o atendimento educacional dos estudantes, de modo a minimizar os prejuízos formativos, a evasão escolar e a continuidade do processo educacional. Em 7 de julho de 2020, foi publicado o Parecer CNE/CP nº 11, definindo as “Orientações Educacionais para a Realização de Aulas e Atividades Pedagógicas Presenciais e Não Presenciais no contexto da Pandemia” (BRASIL, 2020, n.p.).

Mesmo diante da situação pandêmica, a regulamentação para a retomada do ensino presencial foi realizada, pois o retorno aos ambientes educacionais ocorre com base na situação de saúde pública de cada local. Para tal, publicou-se, em 6 de julho de 2021, o Parecer CNE/CP nº 6/2020 que dispõe sobre as “Diretrizes Nacionais orientadoras para a implementação de medidas no retorno à presencialidade das atividades de ensino e aprendizagem e para a regularização do calendário escolar” (BRASIL, 2020, n.p.).

Durante 2021, especialmente no segundo semestre, pudemos acompanhar a retomada das aulas presenciais nas redes de ensino de muitas cidades brasileiras. Nesse momento, a maior parte de nós, autoras, estavam em instituições educacionais que mantiveram o ensino remoto até o final do ano letivo de 2021. É nesse cenário que, a seguir, apresentaremos nossas vivências entre o maternar, a ação docente e o uso das tecnologias da informação e comunicação.

Procedimento Metodológico

Este trabalho foi desenvolvido no âmbito das pesquisas desenvolvidas pelo grupo de Pesquisa sobre Educação a Distância e Tecnologias Educacionais (GPEaDTEC), a partir das discussões reflexivas oportunizadas em ambiente acadêmico e realizadas em grupo. Para atingirmos o objetivo geral desse texto, com respeito a cientificidade da academia, realizamos uma pesquisa bibliográfica e documental, para a fundamentação teórica necessária.

De acordo com Gil (2021, p. 28), a pesquisa bibliográfica “[...] é elaborada com base em material já publicado”, e possibilita ao pesquisador identificar diversos fenômenos e análises sobre a temática estudada.

Desenvolvemos uma pesquisa narrativa para apresentação das vivências das autoras, ao passo que abordamos uma análise comparativa sobre a realidade das mulheres brasileiras na pandemia e a abordagem qualitativa para apreciação da narrativa. A pesquisa narrativa tem como base as histórias que compõem a vida das pessoas. Gil (2021, p. 122) afirma que é essencial “[...] coletar informações do contexto da narrativa. É necessário situar a narrativa no contexto familiar ou profissional dos participantes, no da cultura em que se inserem, bem como em seu contexto histórico”.

De acordo Gil (2021), os próprios pesquisadores podem realizar esse tipo de pesquisa a partir de suas próprias histórias, desde que mantenham a perspectiva da narrativa e a contextualizem, para que o leitor compreenda quando apresenta sua história e quando é fundamentação teórica.

Nossas vivências do maternar, lecionar e pesquisar

A pandemia, que nos acomete no presente momento, alterou significativamente nossas vidas. O confinamento evidenciou as diferentes formas de habitar e de viver de brasileiras e brasileiros, incluindo as disparidades sociais, políticas, econômicas e culturais.

Acreditamos que questões de ordem de gênero não podem, nesse momento, ficar obscurecidas frente a discursos que tratam a pandemia e o cuidado com todos de forma mais generalizada. Mulheres de diferentes idades, profissões e classe sociais sofreram, e sofrem, com a situação posta — para além do que os discursos de cuidados com a saúde de todos possam abarcar.

Diariamente, observam-se diversos tipos de violência com que mulheres estão expostas quando confinadas, pois o trabalho doméstico pesa sobre elas de forma mais incisiva. Mulheres que são mães também sentem o peso da situação; abruptamente, se viram responsáveis por cumprir parte da função escolar, na tentativa de garantir a educação de suas filhas e filhos, o que gera angústia, conflitos e muita ansiedade. O trabalho triplicado, a ameaça do desemprego e a cobrança interna e externa, por manter a sanidade nesse momento de muita complexidade, conduziram diversas mulheres à exaustão.

As autoras formam um grupo de professoras que atuam na educação básica em todas as suas etapas e no ensino superior, algumas atuam nos dois níveis. Atualmente, os filhos possuem idades entre 1 e 23 anos. Os bebês que integram esse grupo não frequentaram a etapa da creche na educação infantil; no entanto, as mães estavam em doutoramento e lecionando quando, diante das medidas de isolamento social, se viram sem a sua rede de apoio.

Os desafios foram diversos, pois conciliar as demandas da vida pessoal, do maternar, do doutorado, das instituições em que trabalham, das pesquisas científicas que desenvolviam, da participação em eventos, de orientações de trabalho de conclusão de

curso, entre outros, nos fez refletir sobre prioridades e como poderíamos enfrentar o período pandêmico preservando nossa saúde física e mental.

A dinâmica familiar foi completamente alterada. As pesquisadoras dividiam as demandas com seus companheiros, que também estavam trabalhando remotamente, e buscavam suprir todas as necessidades do desenvolvimento de dois bebês em plena fase de descobertas. Nesse cenário, qualquer horário durante o dia e a noite era usado para estudar e trabalhar, visto que os professores tiveram um aumento expressivo na carga horária de trabalho durante o ensino remoto.

Outra situação vivenciada por uma das autoras foi o fechamento da instituição de ensino superior em que trabalhava, em decorrência de agravamento financeiro que se intensificou no período pandêmico; após um período sofrendo os impactos financeiros frente ao desemprego, essa autora conseguiu um emprego em outra instituição.

Esta nova rotina de trabalho, em qualquer horário do dia e todos os dias da semana, também ocorreu com as outras autoras; contudo, outros desafios também se fizeram presentes, por exemplo: uma das crianças estava em idade escolar na fase da alfabetização e a mãe finalizando o mestrado e iniciando o doutorado.

As aulas aconteciam remotamente e diariamente, e as atividades escolares precisavam ser acompanhadas para que o processo de alfabetização fluísse; porém, a mãe também precisava lecionar, acompanhar seus alunos, desenvolver suas pesquisas, atender as demandas de sua vida pessoal, entre outros. Por outro lado, existia um agravante: suprir as demandas de interação social de uma criança que frequentava a escola, possuía diversos amigos, tinha uma vida social ativa, mas que se encontrava isolada em casa com os pais.

Outra fase compartilhada por uma das autoras é sobre um adolescente em plena descoberta e compreensão social, sendo privado das interações sociais com a presença física de seus amigos. Os desafios como professora, pesquisadora e demandas da vida pessoal foram os mesmos apresentados nas situações anteriores; todavia, nessa experiência era necessário ressignificar a forma como apoiar, compreender e orientar um adolescente que, ao mesmo tempo que compreendia toda a situação pandêmica, precisava conciliar suas atividades escolares e suas necessidades de interação social.

Mesmo com os filhos na fase adulta, algumas autoras viram a necessidade do materno em forma de acolhimento e reflexões, pois, apesar de todas as suas demandas,

seus filhos também estavam sofrendo diretamente o impacto das restrições sociais e da reorganização de suas atividades formativas para o sistema remoto.

Durante a pandemia, uma das autoras deixou de ser esposa, enquanto representação social — por meio de um divórcio tranquilo em seus aspectos legais, mas devastador em seus aspectos afetivos. Ela não estava preparada para repensar a vida nesse momento de confinamento, mas era mãe. Seu filho hoje tem 23 anos e, desde o início da pandemia, ele passou pelo final de sua graduação até se formar arquiteto, nesse contexto.

Nesse contexto, a experiência como mãe, professora e pesquisadora perpassou a transição brusca do ensino presencial universitário para o ensino remoto, para ela e para ele. Reconheceram juntos que a condição de vida e de estudo, logo no início do confinamento, era muito boa se comparada a de milhares de mães, filhas e filhos desse imenso país. Estavam morando no mesmo apartamento, tinham uma boa conexão de internet e boas condições de saúde e moradia. Não houve, para ela, a ameaça do desemprego. Apenas os desafios gerados pelo ensino remoto de emergência, incluindo as angústias dos estudantes de duas universidades que a autora trabalhava no primeiro ano da pandemia.

Para o seu filho, migrar para o ensino remoto não foi tão doloroso quanto ele imaginou. Ele percebeu que seria necessário desenvolver mais autonomia nos estudos. Conversaram diversas vezes sobre os limites e alcances da aprendizagem a distância, inclusive porque esse é o objeto de pesquisa da autora. Refletiram sobre o distanciamento social e as vantagens do ensino presencial. Concluíram juntos que a presencialidade tem um aspecto importante que não observamos no ensino remoto: a espontaneidade dos estudantes frente ao professor, aos colegas e aos conteúdos.

O filho relata que, em sala de aula presencial, muito do engajamento ocorre pela forma como o professor apresenta o conteúdo e como permite a participação e até encorajamento dos estudantes para participar ativamente da disciplina; então, a autora e mãe o explicou que isso era uma questão metodológica.

Ao explicar um pouco sobre isso, ele sinalizou que o que ele quis dizer com apresentar o conteúdo envolvia os gestos do professor, o olhar, as pausas na fala e, principalmente, como esse corpo presente permitia uma melhor interação com os estudantes — o que fez falta para ele no contexto do ensino remoto, o que a impulsionou como pesquisadora.

Ainda estamos na pandemia, ela não acabou; porém, atualmente, essa autora não mora mais com seu filho, pois ele terminou a graduação. No entanto, as discussões acerca da aprendizagem remota não foram perdidas, inclusive, porque seu filho cursou duas disciplinas em nível de mestrado como aluno especial em duas instituições de ensino superior diferentes e distantes geograficamente — algo que seria impossível de ser feito caso o curso fosse ofertado somente no contexto presencial.

A autora também observou que seu filho se beneficiou da autonomia que o ensino remoto o proporcionou no final da graduação, concluindo com êxito as disciplinas. Para ela, as reflexões sinceras de seu filho como estudante impulsionaram sobremaneira seu trabalho atual junto a estudantes do curso de pedagogia, principalmente no momento atual, em que há uma transição do ensino remoto para o retorno presencial.

Para além dessas experiências, as autoras promoveram, junto ao grupo de pesquisa que integram, *lives* sobre o ensino remoto, sobre as experiências da maternidade nesse processo e sobre a realidade na educação básica e no ensino superior. Elas desenvolveram pesquisas científicas que foram publicadas em periódicos, livros e eventos. Algumas destas pesquisas foram apresentadas em eventos sobre a temática, pois o uso das tecnologias da informação e comunicação, a educação a distância, a qualidade da educação, o perfil dos alunos, as políticas públicas, as humanidades digitais e a inclusão correspondem às temáticas pesquisadas pelas autoras. Atuaram, também, no suporte em suas instituições educacionais, na organização do ensino remoto e no apoio aos docentes que não dominavam o uso das tecnologias da informação e comunicação. As autoras também ofereceram suporte aos seus alunos, porém, para além do atendimento educacional, foi necessário dar suporte emocional para enfrentar todos os desafios na pandemia.

Mesmo em isolamento social, algumas pesquisadoras testaram positivo para a Covid-19, outras vivenciaram a dor e luto pela perda de familiares e conhecidos. Este processo não tem sido fácil, visto que a pandemia não acabou, porém todas já retornaram às suas instituições de ensino no formato presencial após a vacinação, ainda que algumas atividades remotas tenham permanecido.

Algumas conseguiram restabelecer sua rede de apoio com os filhos pequenos, outras enfrentam as consequências da pandemia na aprendizagem e falta de interação social com a presença física sofrida por seus filhos. No entanto, todas viram sua jornada de mãe, professora e pesquisadora se intensificar no período pandêmico. Não temos aqui o

intuito de desconsiderar que as demandas aumentaram ou romantizar esse processo, porém elas só foram possíveis de serem cumpridas em situação de restrição social em virtude do uso das tecnologias da informação e comunicação.

Diversas famílias tiveram que optar pela saída da mulher do mercado de trabalho para cuidar dos filhos que não podiam frequentar as escolas presencialmente, demonstrando como a figura da mulher ainda é vista como a responsável pelo suporte aos filhos. No nosso caso, nossos filhos permaneceram em casa e conseguimos estar perto em virtude de um bom sistema de *home office* que ocorreu pelo uso das tecnologias.

O uso das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs) na pandemia

Antes de aprofundarmos nossas reflexões sobre o maternar e o uso das tecnologias na pandemia, precisamos destacar que a diferença entre o papel da mulher e do homem, especialmente no Brasil nesse período, ganhou mais visibilidade — não porque não existisse, mas porque tal diferença se intensificou.

Famílias com crianças em idade escolar sofreram quando as escolas tiveram as aulas presenciais suspensas e diante da situação de ter que deixar o emprego para cuidar dos filhos em casa foi a mulher que assumiu esse papel. De acordo com uma notícia veiculada pelo G1 em setembro de 2020 observamos que a taxa de participação das mulheres no mercado de trabalho com filhos de até 10 anos era de 58,3% no segundo trimestre de 2019 e caiu para 50,6% no mesmo período em 2020 (BASÍLIO, 2020).

A mesma matéria informou que a participação média das mulheres no mercado de trabalho ficou abaixo dos 50% pela primeira vez desde 1990, a taxa foi de 46,3% entre abril e junho de 2020. Outro dado foi divulgado pela Pesquisa Nacional por Amostra em Domicílios (Pnad), destacando que o percentual de desempregos em 2020, no segundo trimestre, foi de 12% para os homens e 14,9% para as mulheres (BASÍLIO, 2020).

Os afazeres domésticos aumentaram significativamente durante o isolamento social e, mais uma vez, a responsabilidade recaiu sobre a mulher. Porto (2008, p. 288) destaca que:

A divisão sexual do trabalho [...] faz com que as atividades realizadas pelas mulheres na esfera doméstica sejam naturalizadas, tidas como parte essencial da natureza feminina, associadas à representação da amorosidade. Isso determina que toda espécie de cuidado, requisitado por qualquer membro do grupo doméstico, seja dispensado pela mulher. Assim, cabe a ela a obrigação de

acompanhar os doentes, pais e filhos, nos tratamentos de saúde e, no caso desses últimos, também nas reuniões escolares e demais eventos da vida social. Dessa forma, o tempo para cuidar de si mesma, descansar ou buscar formas de lazer torna-se ainda mais escasso.

Durante a pandemia, percebeu-se com mais clareza a diferença do papel da mulher e do homem, no âmbito profissional e doméstico. Observamos, mais uma vez, que a cultura machista influencia diretamente nas atividades desempenhadas pelas mulheres, e acreditamos que esta não pode continuar sendo naturalizada.

A violência doméstica também aumentou no isolamento social, de acordo com a pesquisa "Visível e Invisível: A vitimização de mulheres no Brasil", publicado em 2021 pelo Instituto de Pesquisas DataFolha. A pesquisa mostra que as mulheres ficaram presas em casa com seus agressores e, em virtude do isolamento, não conseguiam formalizar as denúncias — o que ocasionou a diminuição do número oficial de registros. Diante dessa situação, os canais de acolhimento e denúncia precisaram adaptar-se à nova situação.

A pesquisa destaca também que "uma em cada 4 mulheres brasileiras (24,4%) acima de 16 anos afirma ter sofrido algum tipo de violência ou agressão nos últimos 12 meses, durante a pandemia de covid-19. Isso significa dizer que cerca de 17 milhões de mulheres sofreram violência física, psicológica ou sexual no último ano" (DATAFOLHA, 2021, p. 10).

A precarização das condições de vida no último ano é maior entre as mulheres que sofreram violência. Ademais, a pesquisa identificou que:

- 61,8% das mulheres que sofreram violência no último ano afirmaram que a renda familiar diminuiu neste período. Entre as que não sofreram violência este percentual foi de 50%.
- 46,7% das mulheres que sofreram violência também perderam o emprego. A média entre as que não sofreram violência foi de 29,5%.
- Não se verifica diferenças entre as respostas de mulheres vítimas de violência e as demais sobre o tempo de permanência em casa, mas as que sofreram violência relatam níveis ainda maiores de stress (68,2%) do que entre as que não sofreram violência (51,0%).
- Mulheres que sofreram violência passaram a consumir mais bebida alcoólica (16,6%) do que as que não sofreram (10,4%) (DATAFOLHA, 2021, p. 10).

Os tipos de violência sofridos pelas mulheres no período da pandemia foram:

- 4,3 milhões de mulheres (6,3%) foram agredidas fisicamente com tapas, socos ou chutes. Isso significa dizer que a cada minuto, 8 mulheres apanharam no Brasil durante a pandemia do novo coronavírus.
- O tipo de violência mais frequentemente relatado foi a ofensa verbal, como insultos e xingamentos. Cerca de 13 milhões de brasileiras (18,6%) experimentaram este tipo de violência.
- 5,9 milhões de mulheres (8,5%) relataram ter sofrido ameaças de violência física como tapas, empurrões ou chutes.

- Cerca de 3,7 milhões de brasileiras (5,4%) sofreram ofensas sexuais ou tentativas forçadas de manter relações sexuais.
- 2,1 milhões de mulheres (3,1%) sofreram ameaças com faca (arma branca) ou arma de fogo.
- 1,6 milhão de mulheres foram espancadas ou sofreram tentativa de estrangulamento (2,4%) (DATAFOLHA, 2021, p. 11).

Outro dado importante mostra que a residência continua ganhando destaque como sendo o lugar “[...] de maior risco para as mulheres e 48,8% das vítimas relataram que a violência mais grave vivenciada no último ano ocorreu dentro de casa, percentual que vem crescendo. A rua aparece em 19,9% dos relatos, e o trabalho aparece como o terceiro local com mais incidência de violência com 9,4%” (DATAFOLHA, 2021, p. 12).

Por fim, destacamos mais um dado da pesquisa, que evidencia que o grupo das mulheres que conseguiu se manter em *home office* por mais tempo foram aqueles com formação em nível superior (DATAFOLHA, 2021).

Esse último dado pode ser refletido a partir do uso das tecnologias da informação e comunicação. Primeiramente, observamos, anteriormente, que as mulheres sofreram durante a pandemia, os índices de violência doméstica aumentaram, o desligamento do mercado de trabalho, os afazeres domésticos e o cuidado dos filhos ficaram sob sua responsabilidade. No entanto, quando pensamos na continuidade da mulher no mercado de trabalho, com a possibilidade de permanecer no *home office*, percebemos que essa foi uma realidade apenas para uma pequena parcela, aquelas com formação superior.

As mães que voltaram ao local de trabalho e que não conseguiram organizar os horários de saída com o cônjuge ou ainda, é mãe solteira, precisaram contar com ajuda de outras pessoas até as escolas retornarem presencialmente, pois seus filhos continuavam no ensino remoto e precisavam de assistência. Nesse contexto, as tecnologias da informação e comunicação ganham destaque como um elemento importante para que as mulheres continuassem suas atividades profissionais e pudessem cuidar de seus filhos em casa, ainda que isso, para muitas, só tenha minimizado a situação.

As tecnologias digitais da informação e comunicação permitem interações assíncronas e síncronas desde que se tenha acesso à internet. Desde a expansão tecnológica, no final do século XX, a sociedade vem se organizando a partir de seus usos; ou seja, todos os setores sociais passaram a utilizar as tecnologias em suas atividades (BURCI, 2016).

No período pandêmico, os prejuízos na economia e educação da população não foram maiores em virtude das possibilidades de manutenção das atividades e dos setores por meio do uso das tecnologias. Os impactos psicológicos não são mais intensos porque, mesmo isolados da presença física das pessoas, familiares e amigos, as pessoas puderam se manter conectadas e presentes na vida um dos outros — devido às tecnologias que permitiram interações assíncronas e síncronas, inclusive com videochamadas.

Destarte, as tecnologias minimizaram os impactos negativos da pandemia, além de contribuir para o acesso rápido a informações sobre as novas descobertas da Covid-19, do andamento do desenvolvimento e disponibilização das vacinas, das atividades laborais, da continuidade das aulas, entre outros.

Relacionando essa reflexão às vivências das autoras, destacamos que somos professoras, nossas atividades profissionais se mantiveram remotamente até parte do ano letivo de 2021 e nossos filhos também permaneceram nesse período no ensino remoto. Assim como em muitas famílias brasileiras, nossos cônjuges precisaram voltar ao trabalho presencial e, aos poucos, algumas foram retomando sua rede de apoio construída por familiares até o retorno das aulas.

Em relação aos desafios docentes, reconhecemos que enfrentamos vários; contudo, entendemos o ensino remoto como uma forma de transposição do ensino presencial para o virtual, como afirma Moreira e Schlemmer (2020) e todas as autoras são pesquisadoras do uso das tecnologias no processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, tínhamos conhecimento e domínio do uso de suas ferramentas.

Os desafios observados estavam mais relacionados ao aumento do trabalho, pois preparar as aulas somente por meio de recursos tecnológicos necessita de mais tempo, atender as dúvidas dos alunos após o horário das aulas, questões burocráticas da escola e, principalmente, conseguir garantir apoio emocional aos alunos que começaram a externalizar nas aulas e na aprendizagem as dificuldades de lidar com as consequências da pandemia.

Para além desses desafios, estava a continuidade de nossos processos formativos e pesquisas em nível de mestrado e doutorado. Nesse contexto, as tecnologias possibilitaram a continuidade dos estudos, também por meio de atividades remotas. Os eventos para formação acadêmica e para divulgação de nossas pesquisas também aconteceram remotamente.

Podemos afirmar que sofremos com os impactos negativos da pandemia; todavia, apesar de todas as nossas demandas e um ritmo intenso de trabalho e desenvolvimento de pesquisas, conseguimos manter nossas atividades devido ao formato remoto. Sabemos que essa realidade não foi exequível para a maioria da população, mas, dessa maneira, conseguimos contribuir com a tentativa de controle da pandemia, nos mantendo por muito tempo em isolamento social.

Por fim, conseguir acompanhar nossos filhos no período da pandemia e manter nossas atividades por meio do uso das tecnologias digitais da informação e comunicação foi essencial para que, dentro da nossa realidade, conseguíssemos dar conta de demandas que estavam ao nosso alcance como mães.

Sabemos que, socialmente, nossas filhas e filhos foram prejudicados, mas diante de todas as incertezas, mudanças e lutos que vivemos nesse período, nossa presença, nosso colo, nossas conversas, nossa atenção, nosso amor minimizou prejuízos emocionais e de desenvolvimento desses sujeitos — E isso só foi possível porque dentro da nossa realidade como professoras e pesquisadoras o uso das tecnologias nos permitiram estar presentes em casa com nossos filhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das vivências compartilhadas pelas autoras, que em meio a pandemia da COVID 19, desempenharam diferentes papéis, tais como o do materno, do profissional e acadêmico, podemos observar que as tecnologias digitais de informação e comunicação contribuíram como importantes recursos de apoio para que houvesse viabilidade do desenvolvimento das facetas que fazem parte das responsabilidades que estão no âmbito dessas mulheres.

Os desafios relatados demonstram que momentos de superação e persistência fizeram e fazem parte das experiências que caracterizam as narrativas das mulheres que atuam como professoras, pesquisadoras e são mães no contexto de uma crise sanitária que ressignifica a presencialidade, de forma que elas precisam dar continuidade as atividades que desempenham dentro e fora de seus lares, ao passo que essas precisam ser desempenhadas não mais em turnos diferentes, visto que a dinâmica familiar precisou adequar-se ao novo e por vezes, incansáveis demandas.

Enfim, em nossas considerações finais, destacamos que a utilização das tecnologias digitais de informação e comunicação nas vivências das autoras, que desempenham múltiplos deveres em diferentes frentes da sociedade, tiveram a atuação de recursos de suporte para viabilizar que as demandas, principalmente de práticas pedagógicas, pesquisa e acompanhamento dos estudos de seus filhos e filhas pudessem continuar a serem atendidas, sem reduzir a carga de responsabilidade, mas oportunizando a continuidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020.** Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019. Brasil: Presidência da República, 2020. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/L13979.htm. Acesso em: 30 maio 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CEB nº 5/2020, de 28 de abril de 2010.** Dispõe sobre a reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. Brasil: MEC, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 01 jun. 2020.

BASÍLIO, Patrícia. Com creches fechadas na pandemia, participação de mulheres no mercado de trabalho é a menor desde 1990. **G1 Economia**, [S.l.], 5 set. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2020/09/05/com-creches-fechadas-na-pandemia-participacao-de-mulheres-no-mercado-de-trabalho-e-a-menor-desde-1990.ghtml>. Acesso em: 10 fev. 2022.

DATAFOLHA. **Visível e Invisível: A Vitimização de Mulheres no Brasil.** 3. ed. São Paulo: DataFolha, 2021. Disponível em: <https://assets-dossies-ipg-v2.nyc3.digitaloceanspaces.com/sites/3/2021/06/relatorio-visivel-e-invisivel-3ed-2021-v3.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 6 ed. São Paulo: Atlas, 2021.

MOREIRA, José António; SCHLEMMER, Eliane. Por um novo conceito e paradigma de educação digital onlife. **Revista UFG**, Goiânia, v. 20, n. 26, 2020.

PARANÁ. Decreto nº 4.230, de 16 de março de 2020. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do Coronavírus – COVID-19. **Diário Oficial do Estado**: ano 107, Paraná, nº. 10646, p. 3-4, 16 mar. 2020. Disponível em:

<https://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/pesquisarAto.do?action=exibir&codAto=232854&codItemAto=1446127#1446802>. Acesso em: 06 jun. 2020.

PARANÁ. Decreto nº 4.320, de 23 de março de 2020. Altera dispositivos do Decreto nº 4.312, de 20 de março de 2020 e do Decreto nº 4.230, de 16 de março. **Diário Oficial do Estado**: ano 107, Paraná, nº. 10653, p. 3, 23 mar. 2002. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=391472>. Acesso em: 06 jun. 2020.

PORTO, Dora. Trabalho doméstico e emprego doméstico: atribuições de gênero marcadas pela desigualdade. **Revista Bioética**, Brasília, v. 16, n.2, 2008, p. 287-303.

Disponível em:

https://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/view/74/7. Acesso em: 10 fev. 2020

Recebido em: 21/02/2022

Parecer em: 30/03/2022

Aprovado em: 30/05/2022